



O DOIS de JULHO

livros, cultura e história



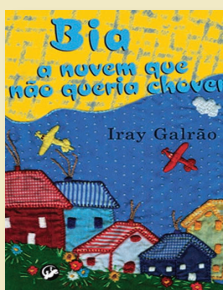
FUNDAÇÃO PEDRO CALMON

ANO I, nº 1. Ago-Set, 2011

LEIA!

Entrevista com Tom Correia 2

Resenha: Bia, a nuvem que não queria chover 4



Mais Cultura 5

Com a palavra o editor 6

Mostra Poética Alexandre Coutinho 8

PRÊMIOS DE PUBLICAÇÃO E HUMOR GRÁFICO

Nesta *IV Feira do Livro: Festival Literário e Cultural de Feira de Santana*, a Fundação Pedro Calmon/SecultBA lança dois editais de premiação: *Prêmio Hera de Publicação* e *Prêmio de Humor Gráfico: o fim e a continuidade do livro*. O Prêmio Hera contemplará com 10 mil reais o melhor livro de autor baiano publicado em 2010 e, com 5 mil cada, as duas melhores dissertações sobre literatura defendidas no mesmo ano.

Já o Prêmio de Humor Gráfico vai laurear os três melhores trabalhos nos gêneros cartum, HQ, charge, tira ou caricatura, com o tema "O fim e a continuidade do livro". O primeiro colocado receberá 7 mil reais, o segundo, 5 mil, e o terceiro, 3 mil, além de integrar uma exposição com os 30 melhores trabalhos.

Elaborados pela Diretoria do Livro e da Leitura, os dois prêmios têm, por um lado, o objetivo de fomentar a produção editorial no Estado e, por outro, refletir sobre a condição do livro em nossa época, caracterizada por instituir novas tecnologias e se pular a tradição. Os folhetos com o regulamento dos dois prêmios estão disponíveis nos estandes da Fundação Pedro Calmon e dos organizadores da *IV Feira do Livro*.



EDITORIAL

O Dois de Julho tem o propósito de divulgar as nossas ações e atividades envolvendo o livro e a leitura, bem como disseminar a um público específico aspectos da nossa cultura e popularizar episódios importantes da história da Bahia. Não é por acaso, portanto, que escolhemos para subtítulo do periódico a expressão *livros, cultura e história*. Além de defini-lo e explicá-lo, marca o seu alcance, pois tudo o que o homem produz com suas mãos pode ser inserido nestes três tópicos. Neste sentido, ao pegar *O Dois de Julho*, o leitor já terá, com um breve passar de olhos, noção do seu conteúdo atual e dos próximos números.

O leitor atento perceberá também que livro, cultura e história integram, sinteticamente, os três pilares da Fundação Pedro Calmon, que, na

condição de entidade vinculada à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, gere as bibliotecas públicas estaduais, preserva a memória histórico-cultural, fomenta a produção de livros e incentiva a leitura.

Por fim, *O Dois de Julho* é um tributo à mais importante data cívica do nosso Estado, o dia em que, de fato, nós — baianos e brasileiros — nos tornamos independentes de Portugal. Se no Sete de Setembro tivemos o primeiro passo, o último foi aqui, no Dois de Julho.

Nada mais justo, portanto, que o nosso periódico de livros, cultura e história chame-se *O Dois de Julho*!

Boa leitura!

Ubiratan Castro de Araújo

ENTREVISTA

TOM CORREIA E A GRAVIDADE DO CONTO

Depois de estreiar na literatura e no conto com “Memorial dos medíocres”, Tom Correia levou quase dez anos para publicar o segundo livro, “Sob um céu de gris profundo”. Humor, dor e a melancolia estão no centro de seus relatos, e o autor não esconde que sofre para escrever e que raramente fica satisfeito com os resultados: “há pelo menos três contos que não gostaria de ter assinado, mas não tenho mais como reverter isso”.

O Dois de Julho: Tom, por que este longo intervalo de tempo entre “Memorial dos medíocres” e “Sob um céu de gris profundo”?

Tom Correia: Acho que foi uma série de fatores que terminou culminando em quase dez anos sem publicar. Primeiro, eu não tinha um bom material logo após lançar o “Memorial dos medíocres”, os contos que eu imaginava bons eram na verdade sofríveis, de títulos horrendos e sem consistência.

Foto: Rosana Souza



Errei muito ao longo desse tempo, mas acho que o importante foi continuar insistindo, mesmo que em certa época eu tenha chegado a dizer que havia desistido de escrever ficção. Depois, ao reunir histórias que formavam um volume, tive que esperar que a liberação de verbas fosse concretizada. O projeto foi aprovado em 2008, mas só conseguimos publicar quase três anos depois. Vendendo o resultado hoje não reclamo. Toda essa demora terminou sendo benéfica para que “Sob um céu de gris profundo” ficasse mais encaixado, mais enxuto. Não acredito que daqui a algum tempo eu o renegue, assim como aconteceu com alguns contos de “Memorial dos medíocres”...

ODJ: O que mudou, em assunto, forma e tom de um livro para outro?

TC: Acho que os temas são parecidos. Trato das relações de trabalho opressivas e sem sentido, de situações-limite vividas por perdedores, deslocados e dos socialmente invisíveis tentando abordar de uma forma inusitada as histórias, como se isso fosse possível atingir. Acho que o tom irônico está mais refinado e a nar-

rativa menos afoita, talvez fruto das experimentações e dos erros cometidos. Neste segundo livro, apresento ainda a condição do escritor, personagens vivendo conflitos psicológicos mais intrincados e metáforas melhor elaboradas.

ODJ: O Tom jornalista interfere no Tom contista e vice-versa?

TC: Já li declarações sobre as vantagens e desvantagens da relação entre o Jornalismo e a Literatura, mas acho que cada um tem sua própria experiência. No meu caso, a Literatura chegou bem antes, mas o Jornalismo interferiu de maneira bem positiva na ficção que faço, pois contribuiu com um aspecto que é essencial: dizer mais, escrevendo menos. Não que isso esteja ausente em “Memorial dos medíocres”, mas neste segundo livro é algo que ficou mais evidente. Em contrapartida, ter alguma intimidade com Literatura me permitiu arriscar a escrever reportagens extensas, utilizando recursos literários para tentar fugir do engessamento imposto pelo jornalismo diário.

ODJ: O conto, em Tom Correia, é apenas um caminho para o romance ou você é um contista que venera o gênero e não o restringe a um rito de passagem?

TC: Já tive pretensão de escrever um romance, cheguei a iniciar algo nessa linha este ano, mas sinto que não estou preparado e me questiono muito em relação a isso. Cortázar compara o conto à Fotografia e o romance ao Cinema e talvez isso seja uma pista para que eu me sinta mais à vontade em criar histórias mais curtas. Antes de me tornar escritor, acreditava que seria fotógrafo, como não consegui, acho que escrever contos foi a solução inconsciente que encontrei. Hoje posso afirmar que não tenho fôlego para escrever algo mais extenso, mas talvez me falte um bom tema. Por outro lado,

ODOISdeJULHO
livros, cultura e história

FUNDAÇÃO PEDRO CALMON
Diretoria do Livro e da Leitura

Ubiratan Castro de Araújo
Diretor Geral

Mayrant Gallo
Edição e Redação

Dênisson Padilha Filho
Redação e Pesquisa

Graça Câmara, Lúcia Carneiro e Jorge Manoel
Revisão de Texto

Raquel Silva
Apoio Geral

Rodrigo C. Yamashita
Projeto Gráfico e Diagramação

Editores & Gráfica Vento Leste
Impressão

Composto nas fontes
Swiss e Palatino Linotype

Periodicidade: irregular
Tiragem: 1.500 exemplares
Contato: dll.fpc@fpc.ba.gov.br
Blog: www.leituraelivro.blogspot.com
Site: www.fpc.ba.gov.br

tenho pretensão de desenvolver um livro-reportagem na linha do Jornalismo Literário, acho que teria mais chances de acertar com este gênero. As histórias curtas me fascinam, porque, bem escritas, ficam pulsando

ODJ: Você, como muitos prosadores, tem em mente escrever um livro definitivo, que iria, em algum momento, constituir o seu legado? Ou literatura para você é só diversão, um escape da realidade?

TC: Quando se chega com mais segurança e maturidade a um segundo livro, o que poderia ser diversão dá lugar à intenção de continuar. Para mim, a Literatura serviu como um tratamento terapêutico para um crônico complexo de inferioridade e para transmutar em ficção o que deu errado na vida real. Pretendo publicar outros livros, mas conseguir produzir algo definitivo será uma consequência. Com o que consegui, posso dizer que já estou no lucro, mas não sou obcecado por deixar um legado ou uma obra-prima.

ODJ: Que conto, de qualquer autor, tornou-se para você um modelo narrativo?

TC: Acho que todos os contos que me marcam de maneira profunda terminam me inspirando intuitivamente no momento em que escrevo. Tenho esquecido com facilidade o que leio, mas trago na memória os detalhes dos contos que me tocam. Li “O crime do professor de matemática” (Cla-

rice Lispector) na adolescência e jamais o esqueci; de tudo que li de Rubem Fonseca, “Onze de maio” me atinge em cheio até hoje. Quando li (e toda vez que releio) “Cação de areia”, de Vasconcelos Maia, “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, “A usina atrás do morro”, de J. J. Veiga, “1 dólar e 20 cents”, de Bukowski, e, mais recentemente, “Meninão do caixote”, de João Antônio, caí numa espécie de levitação dolorida, ruminando vagarosamente as palavras desses autores.

“Acho que o tom irônico está mais refinado e a narrativa menos afoita, talvez fruto das experimentações e dos erros cometidos.”

ODJ: Que conto você escreveu se tornou o seu preferido e por quê?

TC: Não costumo reler meus contos por receio de flagrar algum erro de impressão ou, pior ainda, de não gostar do que escrevi. Em “Memorial dos medíocres” há pelo menos três contos que não gostaria de ter assinado, mas não tenho mais como reverter isso. Já em “Sob um céu de gris profundo”, que teve a sorte de ganhar uma

boa edição, esse risco de renegar algum conto no futuro é menor. Deste último volume, gosto muito da concisão narrativa e a urgência da relação entre um homem e um cachorro em “Traqueia”, o ritmo veloz, quase vertiginoso da luta entre dois animais, ao mesmo tempo irmanados e adversários. Também gosto do clima de ficção científica em “Holerite”, o homem que aspirava a algum tipo de Arte mas que termina asfixiado pelas engrenagens de um sistema invencível, quase uma homenagem a Huxley e a Orwell.

ODJ: O editor é importante para o escritor?

TC: Acho que dei sorte com a minha primeira experiência com editor. Quando conheci Rosel Soares, da Casarão do Verbo, ele se revelou um entusiasta, me desconcertando um pouco, mas sobretudo se mostrando muito criterioso. Negociamos bem nossas divergências quanto à seleção dos contos e creio que o resultado saiu equilibrado. Não conheço bem as sutilezas dessas relações, mas acredito que o interesse de editores e escritores seja o mesmo: produzir um bom livro que desperte o interesse nos leitores.

ODJ: Por que os leitores devem ler Tom Correia?

TC: Sinceramente, não sei se os leitores devem ler Tom Correia, mas, com certeza, eles possuem um leque imenso de autores baianos que estão fazendo Literatura de alto nível na atualidade. Basta ir atrás deles. ■

MESA-REDONDA COM OUTROS NOVOS AUTORES

O *Seminário Novas Letras* promove mesa-redonda com os escritores Tom Correia, Iray Galvão e Alexandre Coutinho, que vão falar de seu processo de criação, suas escolhas literárias e seus livros. Tom Correia recém-lançou seu segundo livro de contos, “Sob o céu de gris profundo”, Iray Galvão faz sucesso entre as crianças com o seu

“Bia, a nuvem que não queria chover”, e Alexandre Coutinho está lançando seu primeiro volume de poemas, “Estudos do corpo” (vide poemas na página 8). Mayrant Gallo vai mediar a mesa e, ao fim, os autores vão autografar seus livros. Não perca! Leve sua dúvida e questione o autor. Dia 20, 14:00.

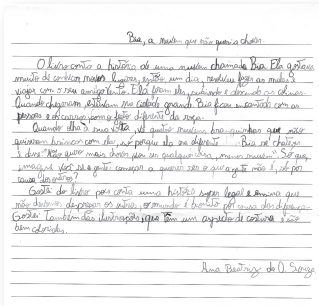
RESENHA

BIA, A NUVEM QUE NÃO QUERIA CHOVER

O livro conta a história de uma nuvem chamada Bia. Ela gostava muito de conhecer novos lugares, então, um dia, resolveu fazer as malas e viajar com seu amigo Vento. E lá foram eles, subindo e descendo as colinas.

Quando chegaram, estavam na cidade grande. Bia ficou encantada com as pessoas e os carros. Com o jeito — diferente da roça.

Quando olha à sua volta, vê quatro nuvens branquinhas, que não quiseram brincar com ela, só porque ela era diferente. Bia se chateou e disse: “Não quero mais chover, vou ser qualquer coisa, menos nuvem”. Só que, ima-



gine você se a gente começar a querer ser o que a gente não é só por causa dos outros! Gostei do livro, pois ele conta uma história superlegal e ensina que não devemos desprezar os outros, o mundo é bonito por causa das diferenças. Gostei também das ilustrações, que têm um aspecto de costura e são bem coloridas.



Foto: Carol Dávila

Bia Souza,
leitora,
10 anos

TRECHO DE BIA, A NUVEM QUE NÃO QUERIA CHOVER

“Um anjo que vinha passando ouviu o que Bia falava com o Vento e, indignado, resolveu se meter na conversa dos dois.

— O quê? Será que ouvi bem? Uma nuvem que não quer mais chover? Bem se diz que este mundo está de ponta à cabeça! (sic) Nuvem sem chover, menina, é como banana sem cacho, como macaco sem rabo, como vassoura sem cabo, rainha sem castelo, criança sem caramelo. Pra encerrar a conversa, vá cortando logo essa e deixando de besteira. Sempre se é diferente: tem anjo de asa quebrada, estrela faltando ponta, raio de sol doente. Eu mesmo sou criticado pelo tamanho do meu nariz. Sou o anjo narigudo e, que ainda por cima, é baixinho e barrigudo. Mas nem ligo pra o que dizem. Têm os altos, têm os baixos, os gordos e os magrelos. E, como falam os humanos, ‘o que seria do azul, se todos só gostassem do amarelo’? Se você levar a vida, só pensando na beleza, e aos outros

se igualar, está perdendo seu tempo de ser feliz e brincar.

Vá chover, molhar a terra, pra isso você nasceu. Só porque você é gordinha e não tem cor de algodão, vai deixar de enxergar quantas outras coisas lindas você tem na cabeça, no corpo e no coração?...”

Iray Galvão, Bia, a nuvem que não queria chover (Kalango, 2010, p. 31-2)



A MULHER EM DESTAQUE

Dentro da programação da Fundação Pedro Calmon, na IV Feira do Livro: Festival Literário e Cultural de Feira de Santana, a literatura baiana produzida pelas mulheres está em destaque, com a presença de Dalila Machado (“Os tempos fáusticos na lírica do lugar”), Iranaia Barretto (“Nos limites da teia”), Nádia São Paulo (“Morte no Litoral”) e Lúcia Santóri-Carneiro (“As voltas do tempo”). A produção das moças vai do romance à pesquisa acadêmica, passando pela história da Bahia e pela poesia. Além de autografar seus livros, elas vão bater um papo informal com o público. Dia 20, 17:30.



MAIS CULTURA POR UM BRASIL COM MAIS LIVROS E LEITORES!

O Programa Mais Cultura continua a todo vapor!

O Ministério da Cultura, em parceria com o Estado da Bahia, através de dois convênios celebrados com a Fundação Pedro Calmon/SecultBA, desenvolve atualmente quatro ações de suma importância no âmbito do livro e da leitura no Estado: Modernização das Bibliotecas Públicas Municipais, Apoio às Bibliotecas Comunitárias, Pontos de Leitura e Agentes de Leitura.

Neste momento, a Modernização das Bibliotecas Públicas Municipais está na fase de aquisição de títulos e mobiliário (estantes, mesas, cadeiras, tapetes, pufes etc.). Posteriormente, todo o material, incluindo

os livros, será distribuído entre as 100 bibliotecas selecionadas, que, com instalações novas ou mais modernas, ampliarão a oferta de livros e leitura para a comunidade dos 26 territórios de identidade.

Os prêmios de Apoio às 23 Bibliotecas Comunitárias e de 149 Pontos de Leitura foram pagos no período entre maio e junho, e as entidades contempladas já deram início ao processo de aquisição de livros, compra de equipamentos e melhoria das instalações.

Quanto aos Agentes de Leitura, as provas de seleção serão aplicadas em breve, em várias cidades da Bahia, entre as quais Vitória da Conquista,

Caetité, Itaberaba, Morro do Chapéu, Capim Grosso e Encruzilhada. Participam 2.422 candidatos distribuídos nos 49 municípios contemplados pelo projeto.

Até o primeiro semestre de 2011, foram investidos R\$6.350.000,00 em prol do livro e da leitura, de um total de 15 milhões previstos.

Mais Cultura para um Brasil com mais leitores e livros!



NÃO FALTAM EDITORAS

Entre os autores baianos conscientes — pois há os inconscientes e também os inconsequentes, como em todo lugar —, o que mais se ouve é a afirmação, muito antiga, de que na Bahia não há editoras. Ora, tanto isso não é verdade que no blogue da Diretoria do Livro e da Leitura, da Fundação Pedro Calmon, foram listadas 17 casas editoriais, entre as quais a Kalango, Casarão do Verbo, Solisluna, Todas as Falas, Livro. Com e P55, que são talvez as mais comerciais, no sentido de que, antes de tudo, pretendem escoar comercialmente a sua produção e não se limitam a publicar obras do mundo acadêmico ou do gênero “cultura baiana”, enveredando por áreas tão diferentes quanto literatura (inclusive poesia e ficção científica) e saúde, com títulos como “Respire certo! E vença o medo”, de Adelina Baraúna.

O autor baiano, portanto, antes de procurar ele mesmo uma gráfica para imprimir seu livro — prática mais do que comum, fazendo da Bahia um estado apinhado de autores independentes e alternativos —, deve, daqui por diante, se adaptar ao curso natural da cadeia produtiva do livro, que se resume a: criação autoral, submissão ao editor, edição, impressão, divulgação e distribuição comercial. Com as editoras aqui mencionadas e com as demais (*vide* [\[elivro.blogspot.com\]\(http://leitura.elivro.blogspot.com\)\), o autor baiano não vai mais se envergonhar, em público, por apresentar livros mal editados e feios, a não ser que, pela baixa qualidade literária de sua obra ou por inadequação da mesma aos interesses editoriais, seu livro não tenha sido aceito por nenhuma editora.](http://leitura</p>
</div>
<div data-bbox=)

A produção editorial baiana atual não fica a dever, em



qualidade gráfica, a quase nenhuma editora das regiões Sudeste e Sul, que desenvolveram nas últimas cinco décadas um alto padrão de qualidade, exceto se a observarmos de viés, com olhos excessivamente rigorosos, em busca de todos os erros e todos os equívocos, como aquele leitor ideal — de que fala Ricardo Piglia, no seu “O laboratório do escritor” —, que tudo sabe, tudo percebe e que seria, se convocado, capaz de ministrar aulas a qualquer autor e, por que não, a qualquer editor.

Com olhos mais complacentes, não há como não elogiar os títulos recém-publicados da P55, da Solisluna, da EDUFBA, da Kalango e da Casarão do Verbo. Livros bem editados, bonitos, com capas atraentes, formato regular, resistentes e “prazerosamente manuseáveis”.

Destacam-se, por exemplo, “Os tempos fáusticos na lírica do lugar”, coedição EDUFBA e FPC, “A suave anomalia”, da Casarão do Verbo, “Biblioteca básica da literatura baiana” (em cinco volumes), da P55, “Carybé, Verger e Caymmi”, coedição Solisluna e Fundação Pierre Verger, e “Dona Flor e seus dois maridos: uma história de cinema”, coedição Via Litterarum e Casa de Palavras.

Posso estar enganado — e não são poucos os homens que se enganam —, mas, ao que parece, uma nova era no meio editorial baiano começou. Já temos editoras — e editoras criteriosas —, em quantidade que nem sei se a constelação de leitores baianos a justifica. Não faltam livros, portanto. Falta talvez que leiamos mais, que frequentemos mais as livrarias e aos lançamentos de livros. Que nos “aculturemos” tanto para a mente quanto para o corpo.

Mayrant Gallo

Escritor e Diretor do Livro e da Leitura – FPC/ Secult BA

ENTREVISTA

COM A PALAVRA O EDITOR: MÁRCIA TUDE

Márcia Tude, como editora, vem se destacando à frente da *Livro.Com* com uma linha editorial diversificada, oferecendo livros em formato de bolso, a preços convidativos e com uma distribuição setorizada, em pontos alternativos e estratégicos de Salvador e arredores. Assim, leva o livro ao leitor, que só tem o trabalho de olhar e escolher o título que vai adquirir. Aqui, ela fala de sua experiência e aconselha o escritor a “lutar pelo sucesso da sua publicação”.

O Dois de Julho: Márcia, como surgiu a ideia de abrir a *Livro.Com*?

Márcia Tude: Sempre fui uma boa leitora. Desde muito cedo a minha relação com os livros e com a escrita é muito profunda, tanto que acabei me especializando em produção editorial pelo afeto ao objeto livro. Mas o interessante é que a *Livro.Com* nasceu da minha incursão profissional no mundo gráfico, já que tive uma empresa gráfica antes da Editora. Os livros começaram a chegar nas minhas mãos com muitos problemas, tanto de revisão quanto de total ausência de ISBN, código de barras e de todos os itens que validam a publicação de uma obra. Então, passei a consertar e reimprimir, auxiliando os autores em busca de um posicionamento melhor, no mercado, para os seus trabalhos. Acontece que a procura pelos ajustes editoriais foi tão grande e o meu prazer pelo trabalho com o livro tão intenso, que optei por fechar a gráfica e me dedicar apenas à *Livro.Com*. No entanto, um dos maiores problemas que encontrei foi a dificuldade em escoar a produção, mesmo pequena, dos autores locais, o que me fez dar um passo maior e buscar parceiros fora do Estado. Fiz cursos, conheci grandes editoras e me aventurei em um negócio que, hoje, é o coração da *Livro.Com*: a distribuição em pontos alternativos. Assim, desde 2008, venho trabalhando no sentido de editar, mas sempre procurando setores locais de escoamento para a produção dos nossos autores, o que fazemos através da consignação de expositores em pontos alternativos



Foto: Remilda Cruz

de venda, que hoje, somam mais de 70, desde lojas de produtos naturais a postos de gasolina. Atualmente, a Editora tem sua própria livreria e um site superbacana, além de atuar em produções culturais através de editais e leis de incentivo fiscal junto à iniciativa pública e privada, sempre unindo o livro e a literatura a outras linguagens como dança, música, teatro, artes plásticas e novas tecnologias. Para se ter uma ideia, a *Livro.Com* foi a única empresa, na Bahia, a ter um projeto selecionado no sistema aberto de patrocínio dos Correios, na categoria Artes Cênicas (dança). “Casa Velha da Ponte”, espetáculo de dança inspirado nos poemas de Cora Coralina, será apresentado nos dias 23, 24 e 25/09/2011, no teatro dos Correios (Pituba), com participação ao vivo da Banda de Boca.

ODJ: O que há de bom e de ruim no trabalho de editor?

MT: O que há de bom e de ruim em qualquer trabalho, ou seja, o encontro de seres diferentes em busca de alguma harmonia com o objetivo de chegar a algum lugar. No meu caso, que atuo prioritariamente com edições do autor, tenho encontrado pessoas irredutíveis quanto a interferências básicas que fazem um trabalho crescer como mudanças de título, cortes editoriais ou imaturidade/inconsistência do texto diante, ou não, do contexto. Não é só por que

alguém produz um texto que o mesmo precisa ser publicado, não é só por que o texto foi escrito de uma forma específica que tenha que permanecer como foi idealizado. Por outro lado, quando trabalho com autores flexíveis, acabamos por levar a nossa relação a níveis que extrapolam a relação autor-editora, haja vista que é uma relação que envolve contratos que chegam a até cinco anos, para edições tradicionais.

ODJ: Os números indicam que, apesar de um crescimento recente nos índices de leitura, o Brasil ainda é um país que lê pouco. Vale a pena ser editor no Brasil?

MT: Se há números que indicam crescimento, este é o momento de atuar no mercado editorial. Pior seria se os números indicassem redução ou estagnação de leitores no país. Acontece que a figura do editor tradicional mudou. Já não basta apenas cortar, orientar a revisão, questionar ou sugerir. É preciso atuar em várias frentes culturais, com um plano de negócios que viabilize um futuro possível e coerente. Veja o caso do e-book: temos no nosso site uma estante para *downloads* gratuitos desde 2008, com extensões que vão do pdf ao mobipocket, esta última utilizada pela Amazon. Somente agora estamos desenvolvendo *e-books* para *downloads* pagos, já que antes não havia demanda. Neste sentido, o editor contemporâneo precisa também ser

um observador da sociedade, e digo mais: ele tem que saber escrever, administrar e encontrar alternativas para a circulação e divulgação das obras dos autores da editora. E não precisa ser nada grandioso, sequer deixar o Estado, só precisa acontecer. E tendo os pés bem no chão.

ODJ: Quais as linhas editoriais da Livro.com?

MT: Essa coisa de linha editorial sempre me deixou intrigada. Parece receita de bolo. Gosto de inventar linhas editoriais e gêneros e de me deixar surpreender pelo que cair nas minhas mãos. Os livros mais recentes de Goulart Gomes, por exemplo, são da linha “ficção holocientífica”, já os de Jô Benevides são da linha “se ajude”, Jones Carvalho faz mais a linha “quadro político”, Marleide Santos escreve mais na linha “catarse”, Isaac Luz não sai da linha “Zen-terapêutica”, Mavi-ael Melo está na linha dele, que é “regional metrificada” e por aí vai. Como pode ver, as pessoas são muito diferentes e procuro captar o que são para atuar em todas as linhas editoriais possíveis e imagináveis, evitando qualquer tipo de preconceito.

ODJ: Como a editora tem visto a produção dos autores em geral na Bahia?

MT: A turma escreve muito, mas, em geral, não quer lutar pelo sucesso da sua publicação, o que significa fazer lançamentos, palestras, participar de editais, de feiras e bienais, misturar novas linguagens. O autor precisa ser detentor, de corpo e alma, da sua obra e parar de agir como se tivesse entregue seus direitos autorais ao outro e, pronto, até mais. O mercado está mudando com muita velocidade e, hoje, quem tem a consciência do seu direito autoral e publica para um público específico tem retorno garantido.

ODJ: Você poderia falar um pouco sobre a distribuição da Livro.Com?

MT: A nossa distribuição é comandada por Luciano Cerqueira, profissional que atua com muita

afetividade e compromisso com o livro há anos, na Bahia. Ele tem uma visão extremamente prática de onde atuar e sabe identificar um bom ponto de venda, que, na verdade, é um espaço para expor e comercializar o nosso material através da modalidade consignação de expositores e de livros, oferecendo aos pontos uma boa comissão. É preciso muita dedicação, já que o mais importante não é abrir o ponto, mas realizar ações de manutenção a longo prazo, tais como: identificar o perfil de público, aliar o tipo de livro ao público do ponto, realizar ações promocionais para os nossos autores em pontos específicos, entre outras coisas. Para dar apoio a Luciano, temos Renilda Cruz e Antônio Raimundo que são responsáveis pela parte



burocrática interna e pela livraria, sempre atentos ao bom e prático desempenho no processo. É, para atuar na Linha Verde, contamos com o grande apoio de João Vidal, que vem gostando de trabalhar também com livros, já que só distribuía revistas.

ODJ: O papel do editor, via de regra, ainda é alvo de críticas preconceituosas: um profissional que “explora” o autor e, a princípio, que tolhe sua criatividade. O que faz um editor, além ser “um vilão” para muitos?

MT: O editor é responsável pela boa apresentação de uma obra, pela sua excelência, digamos assim. Obviamente, é tudo muito relativo, já que o que é excelente para

mim pode não ser para o outro, mas há regras básicas que precisam ser cumpridas para que um produto editorial seja, no mínimo, aceitável. E o tratamento dado ao texto — aliado ao contexto — é a principal delas. Essa coisa de vilão é fantasia praticada pelos filmes, é coisa novelesca, sobretudo quando se trata de edições do autor, nas quais quem manda é o próprio, o editor é apenas um assessor para que o projeto se realize.

ODJ: O que você, como profissional do mercado editorial, diria ao autor independente?

MT: É difícil aconselhar, sobretudo alguns autores, mas posso dizer: continue independente, mantendo os pés no chão. Não entregue o seu direito autoral a ninguém, a nenhuma editora, sem antes haver se apropriado conscientemente do que se trata; e nunca, em hipótese alguma, envie o seu texto sem haver registrado o seu direito autoral na Biblioteca Pública do Estado da Bahia. O plágio existe e está em voga na atualidade. No mais, é importante ler, e, geralmente, um bom leitor consegue se sair melhor como escritor e ter senso crítico em relação ao seu trabalho.

ODJ: Sim, mas ser independente não é, de certo modo, prescindir da figura do editor?

MT: Ao contrário, como a desinformação é muito grande em relação ao mercado editorial, a figura do editor como assessor no processo é fundamental, sobretudo se o mesmo tiver canais de difusão e distribuição do trabalho. Ser “independente”, neste sentido, é ter uma editora por trás, mas com os seus direitos autorais preservados, com os exemplares em mãos e com informação e apoio necessários para alcançar os objetivos e reaver, no mínimo, o investimento na publicação. ■

MOSTRA POÉTICA DE ALEXANDRE COUTINHO

DAS SINUSITES

[ou dentes sensíveis]

Rompe sensação falsa
trincando a madeira

E os ossos do crânio
Que recriam o hiato

Até chegar à testa
sobe às narinas
A laceração dos sentidos
na agulha

Irrompe
E é quase desmaio
Mas é quase um segundo

Rompe sensação breve
de página em branco
estalando os dedos
sobre a taça

Há na colher pedaços de ameixa
creme em minha boca

Tudo é simples, renovado no espírito:
Estou numa sorveteria.

DA FOTOGRAFIA

Dentro do liquidificador,
na solidão da dona de casa
que espera suas crianças mortas
para o almoço cenográfico,
misturam-se coisas do sangue
que adormeciam em jarros de barro
pra memória da lembrança
abestalhada
dos olhos.

DOS MONSTROS

Eu queria um poema monstruoso
Com garras de arame
E dentes de ginsu
Um poema que mutilasse
Que fosse bicho
Que tomasse de abrupto
Seu figado
E seu estômago.
E revirasse tuas vísceras
Vivas e vermelhas,
Lhe arrancasse as tripas
Pelos dentes da boca,
Arranhasse, repartisse, recompusesse
Uma nova e cruel vitalidade;
Um poema que dissesse
De todos e de nenhum.
Como garfos aquecidos no gim
Como lâminas repartidas em luz
Um poema de flores e de cus
Um poema de rosa e de azuis
Um poema de Satanás e de Jesus

O louco que te devora os pés
Ainda molhados do chuveiro
E que te lambe três vezes mais
Enquanto sangra.

PROA

o amor é uma escolha
deixo-o em pontas
em fibras finíssimas
banhadas de cobre
e de escamas

os peixes invento
na turvidez da bebida
na boca do pássaro
ou nas pontas dos pés

a nuvem agora cobre
o sol num postal
gaiotas e Klimt
soterrados.

NO PRELO

Como 2010, este ano tem sido um ano fecundo para a literatura e o livro na Bahia. Várias obras vieram a público e muitas outras estão no prelo, com previsão de lançamento até o fim do ano ou no início de 2012, entre as quais "Don Solidon", de Hélio Pólvora, "O homem que sabia a hora de morrer", de Adelice Souza, "Cenas brasileiras", de Igor Rossoni, "O manuscrito secreto de Marx", de Armando Avena, "As

baianas" (vários autores), "Kekeré", de Célia Silva, "Porto de Saúípe", de Marcella Ferri, "Jorge Amado de todas as cores" (vários autores), "Reticências", de Nilza Barude, "A Chuva", de Ariel Ayres, "Mulher de roxo", de Patricia Sá Moura, "Dicionário Jurídico de Bolso", organizado por Conceição Oliveira, "O mistério da casa da praia" e "O assassinato no baile de debutantes", ambos de Nádia São Paulo.

BIENAL DO LIVRO BAHIA • 2011

28 DE OUTUBRO A 06 DE NOVEMBRO

CENTRO DE CONVENÇÕES DA BAHIA